

## **GEOGRAFIA E ARTE: OBRAS DE LÍDIA BAÍS COMO DISPOSITIVOS PARA OUTRAS IMAGINAÇÕES ESPACIAIS**

Renan Carnauba de Oliveira<sup>1</sup>  
Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD  
renan\_carnauba@hotmail.com

### **Resumo**

O trabalho propõe um movimento de aproximação entre Geografia e Arte por meio da análise das obras da artista Lídia Baís, buscando provocar imaginações sobre o espaço. Com base na perspectiva de espaço de Doreen Massey e de conceitos como os dispositivos de Deleuze, argumento que a arte não é meramente representativa, mas sim uma complexa rede de elementos que desencadeiam efeitos estéticos, políticos, subjetivos e, portanto, espaciais. Convido o leitor a participar do movimento, em uma reflexão sobre a atualidade dos temas presentes nas obras de Lídia Baís e como esses podem provocar debates na Geografia, estimulando outras perspectivas sobre o espaço e a aproximação entre diferentes áreas do conhecimento.

**Palavras-chave:** geografia; arte; espaço; dispositivos.

### **Introdução**

Nos últimos anos venho me dedicando a experiências e pesquisas que aproximam a Geografia e a Arte, com o intuito de contribuir nos debates sobre o espaço, educação geográfica e linguagem. Para este texto<sup>2</sup>, trago a temática do evento de pensar e fazer com dispositivos, propondo as obras da artista sul-mato-grossense Lídia Baís como dispositivos para se imaginar o espaço. As questões que se colocam são: como a arte pode ser dispositivo para potencializar outras geografias, outras imaginações espaciais? Como não limitar a arte a uma representação espacial? Encontro na relação de diferentes linhas de conhecimento, pistas para nos guiar nesse movimento de aproximação entre ciência e arte. Além das obras de Lídia Baís, trago como principais guias para o debate, o conceito de espaço elaborado pela geógrafa Doreen Massey que nos estimula a imaginar o espaço por diferentes perspectivas, e a filosofia de Deleuze, que contribuirá na compreensão sobre os dispositivos.

Para este trabalho foram realizados os seguintes procedimentos: seleção e registro fotográfico das obras de Lídia Baís a partir do acervo permanente do MARCO (Museu de Arte Contemporânea de Mato Grosso do Sul), localizado na cidade de Campo Grande; análise dos elementos das pinturas e suas potencialidades, descrevendo as características das obras e da artista, estabelecendo conexões entre sua trajetória de vida, sua produção artística e o debate acerca do espaço; revisão bibliográfica sobre os conceitos que sustentam a aproximação entre diferentes formas de produção do conhecimento, buscando compreender como a arte pode provocar imaginações acerca do espaço.

---

<sup>1</sup> Doutorando, orientado pela Profa. Dra. Flaviana Gasparotti Nunes, no Programa de Pós-Graduação em Geografia – PPGG/UFGD. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

<sup>2</sup> O presente trabalho é parte de nossa pesquisa de doutorado em andamento.

### **Dispositivos, espaço e a arte de Lídia Baís**

Iniciarei com o entendimento sobre o conceito de dispositivos que fundamenta este escrito. Com Deleuze (1990), é possível apontar que dispositivos são como uma rede de elementos heterogêneos que se relacionam. Ao pensar a arte como dispositivo para se imaginar o espaço, proponho pensar na série de conexões e relações entre os elementos das obras, o contexto, o artista e os espectadores. Essas conexões podem criar diferentes perspectivas e imaginações espaciais, não reduzindo a arte a mera representação, pois, conforme Deleuze (1990), dispositivos não são apenas objetos ou ferramentas materiais, mas sim sistemas complexos de relações e conexões. A arte como dispositivo não será codificada como instrumento de representação, mas sim compreendida como uma rede complexa com potencialidades, e devir.

Deleuze (1990) comenta o conceito de dispositivos discorrido por Foucault, em *Microfísica do Poder* (1979), como um novelo ou um conjunto multilinear, composto por linhas de diferentes naturezas que se relacionam, se aproximam, se distanciam, se bifurcam, o que forma uma relação complexa. Dentre diferentes linhas, Deleuze (1990) destaca as linhas de subjetivação, que se referem aos processos que as subjetividades são formadas, transformadas e desdobradas. É uma ideia contrária a subjetividade fixa e unitária e a favor de uma rede de conexões, fluxos e relações que estão em um constante devir. Essas linhas agem como forças que agem sobre os indivíduos, afetando suas experiências, desejos, percepções e identidades. Deleuze (1990) questiona se as linhas de subjetivação podem ser o limite extremo dos dispositivos, podendo alumiar a passagem de um dispositivo para o outro.

No contexto da arte, podemos analisar que a linha da subjetivação age na forma como as criações artísticas influenciam na formação e transformação das subjetividades. As obras de arte afetam os indivíduos de diferentes formas, seja emocionalmente, na estimulação, na análise crítica, no desafio a paradigmas culturais, provocando reflexões sobre identidades e perspectivas. Pensar a arte como dispositivo a partir da perspectiva deleuziana envolve considerá-la como uma rede complexa de elementos heterogêneos que produzem efeitos estéticos, subjetivos, políticos e na perspectiva geográfica que proponho, efeitos espaciais, que seriam as metamorfoses que as expressões artísticas podem causar na maneira como o espaço é percebido ou experimentado. A arte causa efeito no espaço, seja a arte urbana exposta pelas ruas e muros, seja exposta nos museus públicos e galerias, seja nas subjetividades dos indivíduos. Pensar a aproximação de geografia e arte por essa perspectiva, é buscar ampliar a discussão para além do espaço estático, representacional, fechado.

Conecto a ideia de efeitos espaciais à base teórica de Doreen Massey, que sugere compreender o espaço a partir de termos como multiplicidade e dinâmica. Segundo Massey (2008), a forma como imaginamos o espaço afeta nossas atitudes, nosso cotidiano, nossas políticas. A geógrafa britânica conceitua o espaço como produto de inter-relações, esfera da possibilidade de existência da multiplicidade, sempre em construção e, portanto, aberto, inacabado. A multiplicidade, segundo Massey (2008), é a existência de múltiplas experiências e perspectivas coexistindo no espaço. Com isso, a autora questiona a ideia de um espaço estático, que tende a homogeneizar e sufocar a diversidade, que busca imprimir uma homogeneização, uma padronização generalizada.

Massey (2008) enfatiza a importância de reconhecer e valorizar a diversidade de experiências e formas de conhecimento que coexistem em um determinado lugar. Em sua compreensão, pensar o espaço por essa perspectiva é abrir a Geografia e a discussão espacial em direção a um diálogo com as principais vertentes da política progressista contemporânea, como as teorias feministas, *queer* e as teorias pós-coloniais. Imaginar o espaço como esfera da possibilidade da existência da multiplicidade, se relaciona com discursos recentes que a estória do mundo não pode ser contada apenas como a estória do ocidente, ou a estória, por exemplo, da figura do homem branco, heterossexual.

Os conceitos e perspectivas discutidas são elementos que conectamos à estória e às obras de Lídia Baís, uma artista conhecida por sua resistência contra concepções conservadoras, machistas e ideias que sufocam a ampliação do pensamento. Lídia Baís nasceu em 1900, em Campo Grande, no antigo Mato Grosso unificado, faleceu em 1985 (Reis, 2017). Filha de uma família rica e tradicional, seguiu sua trajetória contestando o que lhe era preestabelecido pela família ou sociedade, mostrou resistência à lógica de dominação patriarcal e sofreu com a perseguição devido à sua forma contestadora. Observaremos a seguir os elementos presentes nas obras que podem potencializar imaginações espaciais que perpassam a religião, a mescla do sagrado com o profano, os mecanismos de controle, a nudez, o feminino, a morte, elementos que ainda causam inquietação tantos anos após a criação das obras.

Imagem 1: *Micróbio da Fuzarca*, de Lídia Baís.



Fonte: acervo do MARCO.

Imagem 2: *Alegoria Profética*, de Lídia Baís.



Fonte: acervo do MARCO.

A primeira imagem é a obra *Micróbio da Fuzarca*, que apresenta um mistério, tanto no título, quanto em seus elementos, o que causa estranheza ao observador, curiosidade, obrigando-o a pensar, a imaginar. O micróbio é um micro-organismo, sinônimo de bactéria, é o que corrói, o que estraga, o que gera doença. Fuzarca é diversão, farra, coisas mundanas, é o prazer material. Fuzarca torna-se característica do micróbio, é a folia do micróbio, dominando toda figura humana, transformando-a em caveira, em ser estranho na percepção social. A figura da morte que ainda resiste a invasão do micróbio, com seus cabelos presos, característica relacionada ao feminino na época, demonstram rigidez em seu comportamento, mesmo com a invasão bacteriana da vida profana. A relação entre o sagrado e o profano pode ser vista no rabo, que seria um símbolo diabólico, e na peça de roupa que ainda lhe veste, o que me instiga imaginar o medo da exposição, o controle sobre o corpo, o sagrado.

Lídia Baís a partir de seus posicionamentos e obras enfrentou máquinas de controle, como a família conservadora, a instituição da igreja católica, a sociedade patriarcal. Um dos principais conflitos que a artista enfrentou foi relacionado à religião, pois, mesmo depois de estabelecer a religião católica para dedicar-se, procurou respostas em outras religiões, o que gerou problemas para ela, devido à não aceitação por parte da sociedade não aceitar (REIS, 2017)<sup>3</sup>.

Se atualmente os elementos das obras de Lídia Baís podem causar estranheza, é preciso considerar o contexto no qual foram elaboradas, como ela foi pessoa a frente de seu tempo, que a partir da arte provoca o pensamento a pensar, tornando suas criações atemporais. É possível considerar que a obra *Micróbio da Fuzarca* é um autorretrato da artista, devido ao seu histórico de criações autobiográficas, podendo ter expressado na obra o que ela vivia e suas contradições internas e externas. O movimento que proponho é refletir como podemos pensar o micróbio no contexto contemporâneo? O que nos corrói e nos deixa suscetível a situação imposta? O que na sociedade nos causa inquietações? Reflexões que convido os leitores a realizarem enquanto observam a imagem e que possam gerar debates na Geografia e potencializar nossas imaginações espaciais.

A obra *Alegoria Profética* também causa curiosidade e mistério em seu título. O termo profético relaciona-se com a religiosidade, às profecias, o que está por acontecer. Característica marcante de Lídia Baís, a religiosidade se mistura com a autobiografia. Destaca-se a figura central da obra, uma mulher vestida aparentemente de noiva. Seria um autorretrato da criadora da obra e seu casamento forçado? Aos pés da suposta noiva, uma criança angelical estica uma corda, indicando uma obstrução da passagem, se for em frente, ela cairá. A mulher segura nas mãos uma corrente, símbolo de elo, um elo sendo quebrado em três partes. Em umas das mãos, o dedo indicador aparece em posição rígida para o céu, como se expressasse indignação. Em volta da figura central da mulher, crianças e mulheres angelicais, brancas e negras, com asas e sem asas, levitando rumo aos céus. A salvação? Seria o juízo final? Entre as figuras femininas, uma segura a balança, símbolo de justiça. A imagem de Cristo aparece na posição de sol, de luz para guiar. Os homens que não subiram aos céus, aparecem na obra com expressões de tristeza,

---

<sup>3</sup> Além disso, por ter um comportamento considerado inadequado para uma mulher branca e rica, Lídia foi internada em clínicas psiquiátricas, teve bens interditados e foi obrigada a se casar, porém, cinco dias depois separou-se do marido (REIS, 2017).

indígenas, religiosos, militares, camponeses, todos desolados. Pelo chão, uma serpente rasteja pelos chapéus, símbolo masculino, caídos, jogados ao chão.

Lídia apresentava em sua vida e obras, posições contestadoras em um contexto em que as mulheres só tinham um caminho a seguirem: serem mães, terem filhos, ficarem em casa, cuidarem da família, condições em que a artista nunca se enquadrou, traçando na arte o seu caminho.

O movimento proposto é conectar os elementos abordados nas obras, com a estória da artista, os conceitos de espaço, dispositivos e conexões com sua própria vivência, em busca de uma imaginação espacial que não sufoque trajetórias, que seja aberta ao futuro, a diferentes possibilidades. A geografia é a vida, com isso, as memórias, as pessoas e o futuro são as potencialidades para se imaginar o espaço que acolha todas as trajetórias.

### **Considerações finais**

A partir das relações entre Geografia e Arte, o texto propôs um movimento que entende a arte como dispositivo para imaginar e potencializar múltiplas geografias. As obras de Lídia Baís trazem elementos que tensionam a compreensão tradicional do espaço, questionando os limites da religião, do controle social e das normas de gênero. Ao utilizar o conceito deleuziano de dispositivos, destacamos a ideia de que a arte não deve ser utilizada como representação espacial, mas como uma rede complexa de diferentes elementos que se conectam e produzem efeitos que podem ser expressos no espaço ou provocar a forma como o compreendemos.

Em conclusão, destaco a importância da arte como um dispositivo que amplia as formas de imaginar e compreender o espaço. A intersecção entre diferentes perspectivas teóricas e a arte provoca um movimento que faz emergir outras geografias, reconhecendo a relevância da diversidade, da subjetividade e das conexões entre diferentes formas de conhecimento na jornada de uma compreensão mais ampla e inclusiva do espaço.

### **Referências**

BAÍS, Lídia. **Alegoria Profética**. Sem data. Óleo sobre tela 69x53 cm. MARCO (Museu de Arte Contemporânea de Mato Grosso do Sul), Campo Grande.

BAÍS, Lídia. **Micróbio da Fuzarca**. Sem data. Óleo sobre tela 104x68 cm. MARCO (Museu de Arte Contemporânea de Mato Grosso do Sul), Campo Grande.

DELEUZE, G. ¿Que és un dispositivo? In: BALIBAR, Etienne; DREYFUS, Hubert; DELEUZE, Gilles et al. **Michel Foucault, filósofo**. Barcelona: Gedisa, 1990, p. 155-161. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento: [www.escolanomade.org](http://www.escolanomade.org) consultado em: 20/08/2023.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Tradução de Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. -- Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2008.

REIS, Fernanda. **Lídia Baís: arte, vida e metamorfose**. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2017.